



DECRETO N.º 4976, DE 28 DE OUTUBRO DE 1976.

Da denominação a diversas vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9 de 31 de Dezembro de 1.969,

D E C R E T A :

ARTIGO 1.º — Ficam denominadas as vias públicas do JARDIM SANTA GENEBRA 1.ª parte:

I — RUA ESTÁCIO DE SÁ — Fundador da Cidade do Rio de Janeiro — a Rua 1 com início à Rua 1 da Vila Costa e Silva e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

II — RUA ALEXANDRE DE GUSMAO (1695 — 1753) — Escritor e Político — a Rua 2 com início à Rua 1 do Jardim Santa Genebra 1.ª parte e término à Rua 1 da Vila Costa e Silva.

III — RUA JOAQUIM NORBERTO (1820 — 1891) — Escritor e Historiador — a Rua 3, com início à Rua 1 da Vila Costa e Silva e término à Rua Domingos Cazotti.

IV — RUA MAESTRO FRANCISCO MANUEL DA SILVA — (1795 — 1865) — Compositor do Hino Nacional Brasileiro — a Rua 4 que tem início à Rua 28 do mesmo loteamento e término à Rua Domingos Cazotti.

V — RUA MACEDO COSTA (1830 — 1901) — Bispo do Pará — a Rua 6 que tem início à Rua 1 e término à Rua 4 do mesmo loteamento.

VI — RUA FREI TIBÚRCIO (1805 — 1880) — Pioneiro do jornalismo em Campinas — a Rua 7 que tem início à Rua 4 e término à Rua 13 do mesmo loteamento.

VII — RUA SEBASTIÃO DA ROCHA PITA — (1660 — 1733) — a Rua 9 que tem início à Rua 4 e término à Rua 15 do mesmo loteamento.

VIII — RUA CONSTANCIO ALVES (1862 — 1933) — Escritor e Jornalista — a Rua 10 que tem início à Rua 1 e término à Rua 15 do mesmo loteamento.

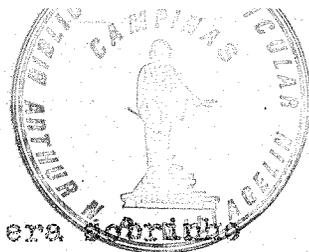
IX — RUA DR. ARAÚJO — Poeta e Advogado — a Rua 11 que tem início à Rua 9 do mesmo loteamento e término à Rua Dr. João Valente do Couto.

X — RUA MATHEUS ROMEIRO PINTO — (1882 — 1956) — Benfeitor da Casa de Saúde Campinas e Beneficência Portuguesa — a Rua 14 que tem início à Rua Dr. João Valente do Couto e término à Rua Domingos Cazotti.

XI — RUA FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE — (1784 — 1858) — Orador Sacro — a Rua 17 que tem início à Rua 15 e término à Avenida 2 do mesmo loteamento.

XII — RUA EVARISTO DA VEIGA — Jornalista e Político — a Rua 20 que tem início à Rua Fiorindo Cazotti e término à Rua Nelson de Souza Bárbara.

RUA ESTACIO DE SÁ



Estácio de Sá, Militar, nascido em 1520, era sobrinho de Mem de Sá, terceiro Governador-Geral do Brasil. Apertou à Bahia, no ano de 1564, com uma expedição de socorro, para a expulsão dos franceses que se haviam alojado no Rio de Janeiro, empresa em que foi auxiliado por seu tio. Fortificou Estácio de Sá a baía, à entrada do porto, e junto ao Pão-de-Açúcar, abriu trincheiras e construiu muralhas dando erguimento às primeiras casas, nascendo então assim os fundamentos da cidade de São Sebastião, mais tarde São Sebastião do Rio de Janeiro, da qual foi o fundador e primeiro Capitão-mór. Vitimado no combate empreendido contra os franceses, faleceu a 20 de fevereiro de 1567, nessa mesma cidade.

(Extraído de página XLVI de "Súmulas Biográficas de Cidadãos Prestantes", do ano de 1975, editado por Ensil Publicações Culturais Ltda., S. Paulo)

CORREIO DA MANHÃ, Quarta-Feira, 1 de Março de 1961

VIDA CULTURAL**O aniversário da cidade**

A cidade do Rio de Janeiro completa hoje 396 anos e o transcurso dessa grata efeméride enche de natural regosijo o povo carioca, que se orgulha de seu progresso, beleza e modernismo.

Já o brilhante e original cronista que é Alvaro Moreyra, escreveu que a cidade parece ter o seu tempo de vida contado às avessas: os anos vão passando e ela vai ficando cada vez mais jovem.

A princípio, diz ele, nos tempos coloniais, a cidade parecia uma velhinha tristonha, de olhos cansados, diante do mar.

Com D. João VI era uma grave matrona, vestida sem gosto, que começa a cuidar do vestuário somente depois da Independência, no reinado de D. Pedro I.

Rejuvenesce com o Segundo Império e, com a proclamação da República, parece ter chegado aos seus vinte anos.

Agora, às vésperas do IV centenário, estará ainda mais jovem, desportiva, elegante, culta, desembaraçada.

A impressão que o Rio dá hoje é realmente a de uma cidade moderna, tratada, aformoseada, evoluída em seus costumes, mas conservando cuidadosamente muitas de suas tradições, procurando manter a sua fisionomia própria, característica.

Suas festas populares lembram bem o passado, em alguns de seus aspectos, seu patrimônio paisagístico resiste ainda a algumas inovações urbanísticas mais audaciosas.

E há, mesmo, o desejo de defender ou restabelecer certas usanças e aspectos a fim de que o Rio seja sempre o mesmo Rio.

As comemorações que hoje seriam realizadas, para festejar o glorioso feito de Estácio de Sá, na várzea do Cara de Cão, há 396 anos e adiadas em virtude do luto oficial mostram o apreço do povo pelo passado da cidade.

A visita à lápide do túmulo

do fundador, que se encontra na Matriz de São Sebastião, o padroeiro, a inauguração da placa, no Instituto de Educação, reverenciando os historiadores da cidade, as palestras que seriam proferidas em homenagem a Estácio e seus companheiros, a celebração de vários outros atos comemorativos, dizem bem do interesse de todos pela data natalícia da cidade admirável.

Aos poucos vai se firmando a consciência e conhecimento desse feito, aprofundando as pesquisas históricas, esclarecendo a verdade sobre tão importante empresa, pela qual deu ele a vida.

A figura de Estácio de Sá avulta à proporção que se descobrem detalhes de sua missão, e a sua obra ganha maior grandeza, quando se estuda o que fez nos dois anos em que bravamente, tenazmente, permaneceu na várzea do Cara de Cão.

Quatro anos apenas restam para que se preparem as comemorações do IV centenário da fundação. É tempo escasso para o muito que se deve e precisa fazer.

Por isso mesmo cumpre que a data seja lembrada, popularizada, para que todos se apercebam de sua grandiosa significação.

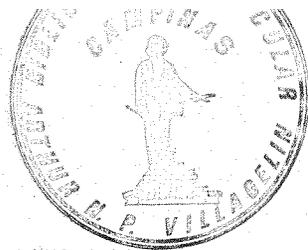
O Rio tem agora uma expressão nova em sua existência de quase quatro séculos. Mas é essa mesma expressão que impõe novas atitudes e programas, uma preparação mais intensa e cuidada, que permita maior esplendor e significação apropriada ao evento que se aproxima.

Cada aniversário da fundação da cidade exige um crescendo de comemorações que possam culminar, magnificamente, em 1963.

N. C.



(Extraído da secção "Vida Cultural", do jornal "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, do dia 01-março-1961)



Erro da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada a 1.º de março de 1565, junto ao morro Cara-de-Cão, na Urca, pelo seu primeiro governador — Estácio de Sá.

No entanto, faltando oito anos para as comemorações do IV Centenário continuam todos — ou quase todos — festejando errado a data da fundação, a 20 de janeiro.

Por quê?

Pela mesma razão que nos levou a aprender durante muitos anos, erradamente, a data do descobrimento do Brasil, tida por muito tempo como 3 de maio.

Por ignorância histórica, por falta de estudo dos documentos, por "birra".

Vários navegantes — segundo parece — visitaram a Baía de Guanabara antes dos descobridores portugueses. Mas foram estes que passando pela barra, apressadamente, tomaram-na pela foz de um grande rio e batizaram-na Rio de Janeiro — prosseguindo viagem para o sul sem qualquer providência. E mais importância não deram, mais o nome ficou na memória e nas cartas.

Os franceses, mais avisados, chegaram e quiseram ficar. Sonharam a fundação da França Antártica e chefiados por Nicolau Durand de Villegagnon aqui se estabeleceram, no ilhéu Seregipe, mais tarde ilha de Villegagnon. Alaidos aos índios tamoios — os donos da terra — pensavam que ficariam aqui para sempre.

Ameaçado o domínio português, Mem de Sá — terceiro governador Geral do Brasil — pediu recursos para expulsar o invasor. A 15 de março de 1550 estavam os franceses batidos e expulsos.

Mas ainda não foi aí que os portugueses quiseram ficar na Guanabara (como chamavam os índios), e os franceses voltaram. Só em 1563, veio nova frota portuguesa. Era seu comandante Estácio de Sá (sobrinho de Mem de Sá) — que já veio como governador da cidade que aqui ia fundar.

Esta frota levou muito tempo se aparelhando e só apareceu aos franceses em 1565, quando Estácio desembarcou junto ao Cara de Cão (hoje, Morro de São João), próximo ao Pão-de-Açúcar.

Ali Estácio fez construir o arraial, na várzea, "havendo um arremêdo de fundação, da cidade, que foi elevada à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em homenagem ao santo do nome do Infante Rei de Portugal".

Estácio empossou Francisco Dias Pinto no cargo de alcaide-mor. Depois, "detendo-se com as demais pessoas presentes à porta da Cidade e Fortaleza, lhes disse — Que cerrassem as portas — o que fez o alcaide-mor com as saus próprias mãos, bem como os postigos sobrepostos nelas com suas aldravas de ferro; e ficando Estácio de Sá fora das portas e morros, lhe perguntou o alcaide-mor que estava dentro, se queria entrar e quem era ele?

Ao que respondeu, que queria entrar e que era o capitão da cidade de São Sebastião em nome de El-Rei Nosso Senhor, e imediatamente lhe foi aberta a porta, dizendo o alcaide-mor, que o reconheceria por seu capitão, em nome de Sua Alteza, cuja cidade e fortaleza era"... como diz a documentação.

Assim se fez a cidade. Mas, certa vez os franceses, aliados aos tamoios, armaram-se e embarcaram em 180 canoas e foram postar-se, escondidos, no "ressaco" de trás de uma ponta que fazia o mar e, como medida tática, provocaram os portugueses com pequeno número delas", (provavelmente por trás do Morro da Viúva).

Francisco Velho, português, mordomo do mártir São Sebastião — que andava a construir sua capela e embarcava numa canoa para ir buscar madeira — caiu na cilada, e não recuou.

O combate desigual alertou Estácio, que reuniu a pouca gente que tinha nas quatro canoas à mão, e saiu à luta. Diz o padre José de Anchieta que "quando mais intensa era a luta, um combatente português, caindo de joelhos na proa de uma canoa, de mãos postas, exclamou, súplico: Valei-me, Mártir São Sebastião!"

No mesmo instante um soldado muito gentil, homem, bem armado, saltando corajosamente de proa em proa, saiu comandando e defendendo os lutadores portugueses, que ganharam a luta, pondo os atacantes em retirada.

Depois vieram as lutas decisivas pela posse da terra. Estácio foi ferido e morreu. Mem de Sá procurou lugar de melhor defesa e mudou a cidade para o alto do Morro do Descanso (depois chamado do Castelo), respeitando — ainda aí — a data de 1.º de março.

Em 1583, quando aqui chegou o visitador-geral, jesuíta, padre Cristóvão Couveia, trazendo engastado num braço de prata, uma relíquia de São Sebastião, o governador resolveu fazer um "auto", representando a grande vitória do santo.

Repetiu-se a batalha das canoas, tendo à frente Araribóia. Depois houve procissão solene e levou-se o "auto" "Martírio de São Sebastião". O santo foi encarnado por um mônio "que recebeu com tanta teatralidade as setas que fez derramar em todos, lágrimas de devoção e ternura". O padre Barnabé Telo alegrou o povo a "golpinhos de berimbau". Houve beija-mão à relíquia e os militares dispararam arcabuzes e canhões; as luminárias foram excepcionais e o 1.º de março foi abafado pela festa duplamente festa, por ser cívico-religiosa.

Em 1914 o I Congresso de Geografia e História assentou a data oficial da fundação da cidade — mas ninguém ligou importância a isso. O aniversário da cidade — até hoje — é a 20 de Janeiro, inclusive por decreto municipal.

(Extraído da página 29, da Revista "Nação Brasileira", editada no Rio de Janeiro, Ano XXXIV, nº 403, referente ao mês de março de 1957)



Estácio de Sá

No dia 20 de fevereiro de 1567, exatamente um mês depois de haver lutado decisivamente pela expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, Estácio de Sá morreu em consequência dos ferimentos recebidos no combate de Urucumirim (Flamengo). Foi sepultado no local onde fundara a cidade de que foi o primeiro governador, na Parais Vermelha. Em 1583, os seus despojos foram trasladados para a igreja dos Capuchinhos, no Morro do Castelo, sendo exumado em 1862, na presença do Imperador D. Pedro II, e restituidos à mesma sepultura. Posteriormente, com a demolição do morro do Castelo, os restos de Estácio de Sá foram removidos para a Igreja de São Sebastião, na Rua Haddock Lobo, onde hoje repousam.



— ESTACIO DE SA' — 1567 — Falecimento de Estácio de Sá. Morreu do ferimento resultante do combate do dia 20 de janeiro e foi sepultado no Arraial por ele fundado e que recebeu o nome de "cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro".

Para as bandas do Pão de Açúcar, na orla marítima que mais tarde denominou-se Praia Martins Afonso, (hoje Praia Vermelha), pouco distante do Morro Cara-de-Cão (onde se encontra atualmente a Fortaleza de São João, construiu-se a primeira igreja dedicada a S. Sebastião, por ordem de Estácio de Sá, templo tosco de pau-a-pique, coberto de palhas; era contudo uma casa religiosa, porquanto ali estava, em exposição pública, a imagem do Santo Padroeiro, a mesma, certamente, de "quatro palmos de altura", trazida pelo fundador de sua terra, Portugal. Essa imagem, a autêntica, pode ser vista num envidraçado, sobre pedestal de pedras, do lado direito de quem entra no templo, (Igreja dos Capuchinhos, Rua Haddock Lobo), próximo ao altar-mor. Até há bem pouco saiu nas procissões, mas para evitar acidentes, sai agora um fac-simile. Expulsos os franceses, transferiu-se para o Morro do Castelo a sede da cidade e o seu primeiro núcleo ficou sendo chamado Arraial Velho de Estácio de Sá. Em 1583, Salvador Corrêa de Sá conclui a igreja dedicada a São Sebastião. Os ossos de Estácio de Sá são transferidos para a igreja nova. Em 1862 por iniciativa de Frei Caetano de Messina, com a presença do Imperador D. Pedro II e membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foram exumados os restos mortais de Estácio de Sá, sendo em seguida colocados em uma urna de pau-brasil, fechada em cofre de chumbo e novamente colocada no jazigo, aberto ao pé do altar-mor. Em 15-8-1931 a imagem de São Sebastião e as cinzas de Estácio de Sá são transportadas para a atual igreja da Rua Haddock Lobo, no meio de festas do povo. Sobre a sepultura, ainda existe a lápide de 1583 com os seguintes dizeres conforme o sabor da grafia da época:

"Aqvi iaz Estacio de Saa — pro capitã e cõqvistador desta terra & cidade — & a campa mãov fazer Salvador Corea d Saa sev primo segdo, capitã e giro com svas armas & esta cappella acabov o anno de 1583".

(Estes dados são do livro — São Sebastião — 1971, pág. 38-44, da autoria de nosso amigo Antônio Mala, do Rio de Janeiro. Ao publicarmos estas notas rendemos também nossa homenagem ao escritor-historiador A. Maia).